

Autor de *HORROR NA COLINA DE DARRINGTON*

MARCUS
BARCELOS

O
SÍTIO

UM LUGAR QUE GUARDA MUITAS MEMÓRIAS...
E ALGUMAS NUNCA DEVERIAM DESPERTAR.

MARCUS
BARCELOS

O SÍTIO

Dedico este livro aos meus pais, Aredes e Eliane, e ao meu irmão, Felipe — que me criaram numa casa onde o terror era servido em temperatura ambiente: boletos em cadeia, louça mutante e discussões diplomáticas de alto risco sobre quem nasceu com mais direito ao controle remoto. Foi como crescer dentro de um reality show em que os prêmios eram lições de vida e um leve distúrbio de ansiedade.

À minha esposa, Bianca, que segura as pontas enquanto eu levanto da cama de madrugada, no modo “detetive sobrenatural”, para investigar o barulho que, com sorte, é só o vento e não um pacto mal-resolvido no encanamento. Também merece um troféu por aturar minhas crises criativas, ouvindo rascunhos com o mesmo entusiasmo de quem assiste a um documentário sobre formigas às duas da manhã só para agradar ao parceiro.

A vocês, leitores — que, num mundo onde as pessoas mal têm paciência para legenda de meme, resolveram encarar um livro inteiro recheado de terrores, sarcasmo e referências a um Sítio que já era meio esquisito mesmo antes da minha interferência.

Vocês são o tipo raro de gente que ainda topa caminhar por florestas sombrias mesmo sabendo que o GPS falha e o sinal de celular é inexistente. Respeito.

E, claro, a mim mesmo — essa alma inquieta que resolveu transformar traumas, insônia e devaneios literários em livros. Poderia ter feito terapia? Poderia. Mas aí ninguém teria lido.

Escrever é meu jeito de gritar, rir e, com sorte, levar alguém junto nessa montanha-russa emocional com cheiro de mofo e referências bizarras da infância. Se você está lendo isto... parabéns: você sobreviveu à dedicatória.

O livro vai ser moleza.

*Boneca de pano é gente,
sabugo de milho é gente
O sol nascente é tão belo...*

— Gilberto Gil

PRÓLOGO

O último sopro de calor daquele fim de tarde sufocante se espalhava pelos campos ondulantes do Sítio do Picapau Amarelo, tingindo tudo com um brilho alaranjado, quase empoeirado.

O ar estava denso, parado, e o cheiro de terra ressecada subia do chão como um suspiro cansado do próprio solo. O sol, com preguiça de encerrar o dia, demorava a se esconder no horizonte, pendendo sem pressa de ir embora, como se também espreitasse, atento, as sombras que se arrastavam pelo brejo.

Dentro da casa-grande, o assoalho de madeira rangia sob os passos de Dona Benta e Tia Nastácia, sempre atarefadas em limpar e ajeitar as coisas antes do anoitecer, para garantir que tudo estivesse no devido lugar para um novo dia. Era um rangido que Pedrinho (ou Pedro, como às vezes ele mesmo se chamava para parecer mais velho) já conhecia bem.

Na penumbra do quarto, protegido pela cortina fina na janela alta de moldura envelhecida, Pedrinho repousava no chão de tábuas rústicas, de barriga para baixo, com o queixo apoiado nas mãos e os cotovelos cravados no piso quente. Os olhos estavam fixos no vidro da janela, onde uma grande mariposa marrom permanecia imóvel, com suas asas manchadas por círculos pretos que pareciam olhos.

Será que ela está viva? Ou só esperando?, pensou ele. Não sabia explicar por que aquele inseto lhe causava uma inquietação crescente, mas, de algum modo, sentia que aquilo era um sinal. Algo estava prestes a acontecer.

— Por que será que ela não voa? — murmurou ele.

Lúcia, apelidada de Narizinho pela família por conta do nariz arrebicado e gracioso, estava deitada de lado, com as pernas magrinhas esticadas no chão e a cabeça em um travesseiro improvisado. Chacoalhava os pés, distraída.

— Talvez esteja cansada — ela disse. — Ou só pensando na vida.

Pedrinho sorriu de leve, mas não tirou os olhos da mariposa. Ele não entendia muito bem por que o inseto o deixava assim, intrigado, mas algo na

calma daquela cena o hipnotizava. A casa — geralmente barulhenta com o fatatório de Dona Benta, a avó de Narizinho, e Tia Nastácia, a habilidosa cozinheira — parecia agora mergulhada num silêncio desconfortável.

— Você acha... — começou ele, hesitante. — Acha que elas já pararam de conversar?

As duas haviam se trancado na cozinha no finzinho da tarde para discutir algo sério. A conversa cessou fazia tempo, e o silêncio que se seguiu não era o habitual. Não era o silêncio do cansaço ou da rotina, mas uma falsa calmaria, um sossego carregado, tal qual o assunto tivesse sido interrompido ao meio.

Narizinho assentiu.

— Acho que sim — sussurrou. — Faz um tempão que não escuto nada. — Virou a cabeça para encarar Pedrinho, e as mechas escuras caíram em volta do rosto dela, realçando os olhos cor de mel que refletiam os últimos raios do entardecer. — Será que estamos encrocados?

O menino demorou uns segundos para responder. Parte dele sabia que não tinham feito nada de “errado”, ao menos nada que merecesse uma bronca severa, mas outra parte sabia que tinham feito algo proibido. Naquela tarde, ambos haviam ido aonde não deviam.

— Acho que não — disse Pedrinho depois de um tempo, soando pouco convincente. — Não fizemos nada de mal. Só chegamos... hum, perto do brejo.

— Mas elas pareciam assustadas, né? Você ouviu a Tia Nastácia dizer que “a Cuca não deu as caras nos últimos anos, mas é questão de tempo”?

Pedrinho fez que sim.

Já haviam escutado histórias sobre a Cuca, a velha bruxa encurvada com rosto enrugado e cabelos brancos, que, segundo as histórias de Tia Nastácia, espreitava crianças desobedientes pelas noites, em forma de jacaré, pronta para devorá-las. “*Contos da Carochinha*”, diziam. Histórias antigas, passadas de geração em geração para assustar e convencer as crianças a dormirem cedo. Mas o que ambos viram, ou acharam ter visto naquela tarde, estava longe de parecer uma simples fábula.

Uma longa sombra deslizava devagar, deixando um rastro reptiliano na água barrenta do brejo. E então, dois pontos amarelos e brilhantes, feito faróis de carro, surgiram entre os juncos. O susto foi tão forte que nenhum dos dois ousou olhar para trás enquanto corriam, os pés tropeçando nas varas de pesca e atolando na lama. Mesmo agora, ao lembrar-se da cena, Narizinho sentia um arrepio estranho, como se algo ainda estivesse lá, debaixo daquela água escura, esperando o momento certo para sair.

— Eu senti tanto medo — confessou ela, baixinho, não querendo que ninguém além de Pedro a ouvisse. — Aqueles olhos amarelos, me encarando...

— Eu também — admitiu Pedrinho, num sussurro. — Mas não quis falar nada.

Ficaram em silêncio por mais alguns segundos, até que Narizinho voltou a falar, a voz trêmula:

— Sabe, às vezes penso que essas histórias são mais reais do que parecem. Lembra o que a Tia Nastácia disse? Ela falou que, antes de virar esse bicho estranho, a Cuca já era muito velha, que tinha vindo de muito longe com os colonizadores. Disse que tinha até outro nome...

Pedrinho assentiu lentamente, absorvendo aquilo com desconforto crescente:

— É, eu lembro... A tia também contou que, antes de chegar aqui, ela era vista como um dragão em outros lugares. Disse que era um ser muito antigo, uma espécie de monstro ou espírito que vivia escondido no escuro das aldeias, esperando uma chance de pegar as crianças que não obedeciam aos pais. Acho que quando chegou aqui no Brasil, ela mudou... ou talvez tenha só ganhado essa forma de jacaré por causa do brejo.

Narizinho o encarou com os olhos arregalados:

— Você acha mesmo que isso pode ser verdade?

Ele suspirou, sem saber o que responder, e apenas deu de ombros:

— Não sei. Mas, depois de hoje...

Na janela, a mariposa abriu e fechou as asas, num leve bater que não produziu vento algum. Parecia responder ao que haviam dito, como se também tivesse sido afetada pela tensão que pairava no quarto.

Pedrinho ergueu a cabeça, olhando para a porta entreaberta. Dona Benta e Tia Nastácia deviam estar na cozinha ou na copa. Ele conseguia ouvir o barulho de louça sendo mexida, passos pra lá e pra cá, mas ainda nenhuma palavra.

— Será que a tia vai fazer bolo de fubá? — Narizinho levantou-se de supetão ao ouvir o próprio estômago roncar.

A ideia de um bolo quentinho parecia amenizar as lembranças ruins do brejo.

— Tomara — respondeu Pedrinho, mantendo-se no chão. Seu olhar caía agora sobre os dois pontos pretos nas asas do inseto. Parecia que o fitavam de volta... assim como o suposto jacaré encarara Narizinho mais cedo.

Por fim, ele se levantou, sentindo o assoalho esquentar os pés descalços. O calor parecia ter se entranhado na madeira, tornando o contato desconfortável, quase irritante. Ele esfregou as mãos nas laterais da bermuda antes de tomar



coragem para abrir a porta por completo e dar uma espiada. As janelas do corredor eram pequenas e não deixavam o sol de fim de tarde penetrar com tanta força, preenchendo a casa com a penumbra avermelhada do poente. Ainda assim, o ar, abafado e denso, carregava não apenas um cheiro de madeira antiga e especiarias... mas também algo mais — um vestígio de mofo ou terra úmida que não deveria estar ali.

— Vem — chamou Narizinho, indicando que fossem até a cozinha.

Pedrinho a seguiu, passando pelas paredes decoradas com retratos antigos. Os olhos nas fotografias pareciam segui-lo. Ele avistou de relance a foto emoldurada de Dona Benta bem mais jovem, sorrindo ao lado de uma Tia Nastácia igualmente mais nova. Não pôde deixar de pensar em como a vida deveria ter sido diferente naquela época.

Será que naquela época as crianças também eram perturbadas por histórias tão sombrias quanto as de hoje em dia?, pensou. *Ou quanto a de hoje à tarde?*

O cheiro de bolo recém-assado tentava preencher o recinto, mas não conseguia dissipar a tensão. Era um aroma familiar e seguro, mas agora parecia um disfarce para algo maior.

Quando chegaram à cozinha, Tia Nastácia mexia a panela com a cobertura do bolo, mas seu olhar fugia para a porta da cozinha vez ou outra. Suas mãos manejavam a colher com os dedos rígidos. O gesto era automático, e a tensão em seu rosto revelava que a mente estava longe dali. Talvez ainda presa na conversa que teve com Dona Benta. Ou, quem sabe, em algo que temia estar espreitando do lado de fora.

— Tia? — Narizinho chamou, baixinho.

— Oi, minha menina — Tia Nastácia respondeu, sem se virar.

Havia uma pausa estranha na voz dela, um leve tremor que não se lembravam de ter ouvido antes. Por fim, Dona Benta se voltou para eles da mesa, ajeitou os óculos no nariz e se forçou a sorrir. Um sorriso cansado, embora gentil.

— Parece que hoje tivemos um... pequeno contratempo — disse ela, encarando Pedro e Lúcia. — Vocês estão bem, não é?

— Estamos. — Pedrinho sentiu o rosto esquentar. — Desculpa se fizemos algo errado. A gente não sabia que...

Tia Nastácia o interrompeu com um pigarro, lançando a eles um olhar grave, mas sem ira.

— A beira do rio não é lugar pra criança. Vocês não deviam ter ido lá. Aquela mata esconde coisas... — Fez uma pausa, mordendo os lábios. — Coisas que criança não deve ver.

Do lado de fora, o vento voltou a soprar, fazendo as janelas vibrarem. E o cheiro de fubá ficava mais forte, o forno quente exalava uma fumaça suave que serpenteava pelo ar. O calor do ambiente parecia mais sufocante do que acolhedor.

Narizinho engoliu em seco. O nó na garganta crescia, um aperto incômodo que não a deixava falar. Queria perguntar o que elas sabiam ou o que tinham discutido tão seriamente, mas receava tanto a resposta quanto a bronca. As palavras dançavam em sua mente, presas entre a dúvida e o medo.

Tia Nastácia limpou as mãos no avental e foi até eles, afagando os cabelos da menina.

— Bem, vamos esquecer isso por um instante — disse ela, inspirando fundo e sorrindo. — O importante é que vocês estão bem e nada de ruim aconteceu. E, daqui a pouco, tem bolo saindo.

A tentativa de leveza não afastou o fato de que o coração de Pedrinho ainda batia rápido. O ar, de algum modo espesso e opressivo, anunciava que uma tempestade invisível começava a se formar em torno deles. O menino lançou um olhar de esguelha a Narizinho, que parecia tão desconfortável quanto ele. Era quase como se um véu de segredo pairasse entre as duas mulheres e as crianças. E, por mais que as mulheres tentassem agir com naturalidade, havia uma sombra em seus olhos que nem mesmo o sorriso mais bem treinado conseguia esconder.

Enquanto Nastácia e Benta voltavam a preparar a calda de laranja para o bolo, Pedrinho e Narizinho se sentaram à mesa rústica, dividindo o banco de madeira. O ranger do móvel sob o peso deles ecoou pela cozinha, um som que se perdeu no estalar da lenha queimando no fogão.

Narizinho apoiou o queixo nas palmas das mãos, absorta em pensamentos, mas foi surpreendida por um arrepio provocado pela brisa que entrava pela janela. Ela esfregou os braços.

— A gente não vai comer nada de... ruim, né? — soltou, olhando com suspeita para Tia Nastácia. — É só bolo, né?

Nastácia deu uma risadinha.

— É só bolo, minha filha — respondeu, tentando soar maternal. Sua voz, contudo, não carregava o conforto de sempre. Era como quando os adultos soltavam frases soltas de alerta, ditas mais por costume que por convicção.

Pedrinho também não pôde deixar de notar algo no rosto dela: uma expressão de preocupação que o menino não se lembrava de já ter visto. Os dedos seguravam a colher de pau com uma rigidez que não arrefecia. Os olhos, ansiosos, continuavam a dardejear instintivamente em direção à porta.

O vento uivou outra vez, e outra vez as janelas tremeram. Narizinho e Pedrinho se entreolharam. O vento nunca soara assim antes. Os sons da madeira pela casa, o farfalhar das folhas lá fora, o bater sutil das asas da mariposa na janela...

Tudo parecia parte de uma grande engrenagem invisível, girando lentamente.

Preparando-se para o momento exato de revelar o que estava por vir.



Mais tarde, na hora do jantar, a casa seguia naquela calmaria desconcertante.

A mesa estava servida com o bolo de fubá (agora frio), pão quentinho e manteiga, além do café fresco que exalava um aroma agradável. Mas ninguém parecia disposto a comer muito. Pedrinho e Narizinho beliscavam o pão, sem apetite. Nastácia girava a colher dentro da xícara de café, mas não bebia. Benta ajeitava o guardanapo no colo, dobrando e desdobrando, como se precisasse manter as mãos ocupadas. As duas trocavam frases curtas sobre o tempo e as galinhas, mas sem jamais mencionar o brejo ou o que haviam conversado em segredo.

Pedrinho e Narizinho, exaustos pelos acontecimentos do dia, sentiam as pálpebras pesadas. Quando a refeição terminou, as duas mulheres dispensaram as crianças, sugerindo que fossem dormir cedo.

— Amanhã a gente retoma tudo, e aí vocês podem brincar dentro dos limites do Sítio, sem ir pro rio — Dona Benta frisou, procurando disfarçar a tensão com um “tom de vó”.

E ambos se retiraram.

O corredor estava mais escuro agora, iluminado apenas por um lampião a querosene. Ao ver as sombras se alongando e se retorcendo em uma dança inquietante nas paredes, Pedrinho se lembrou da que vira na água. Sentiu um arrepião subir pela nuca e esfregou os braços.

No quarto que dividiam, com duas camas pequenas separadas por uma mesinha de cabeceira simples, Narizinho puxou Pedrinho pelo braço até a dela, e os dois se sentaram.

— Você acha que a Cuca é de verdade? — perguntou, olhando nos olhos do menino. Sua voz saiu mais baixa do que pretendia, ainda com medo de que algo pudesse ouvi-la.

E era exatamente a pergunta que ambos temiam responder. Pedrinho respirou fundo, pensando em todas as vezes que Tia Nastácia contara fábulas,

fazendo a Cuca parecer uma vilã sinistra, mas meio caricata. Só que o que haviam visto naquela tarde não parecia ficção. Nem caricato.

— Não sei. — Pedrinho hesitou, buscando uma resposta que soasse razoável. — Acho que... existe algo lá, sim. Se é a Cuca, eu não sei — respondeu, tentando não deixar o medo transparecer. Mas a própria tentativa de racionalização lhe pareceu frágil, e completou: — E se for só um bicho grande? Tipo um jacaré que comeu demais?

Narizinho mordeu o lábio, afundando os dedos no lençol.

— Você reparou na cara da Nastácia, né? E na da vó? Elas estavam esquisitas. Parecia que queriam falar alguma coisa, mas não podiam. Como quando a gente mente pra não assustar alguém.

— É, eu reparei.

Ficaram em silêncio por um tempo, ouvindo o ruído de panelas ao longe. A noite caía por completo e, lá fora, um coro de grilos e sapos se instalava, compondo o som típico do Sítio. Mas, aos ouvidos deles, tudo parecia mais sinistro.

Pedrinho olhou para a janela. A mariposa tinha ido embora. Ao longe, a Lua, fina como uma lâmina, espalhava uma claridade pálida pela mata. Se tivessem coragem de espiar, talvez vissem o rio reluzente lá no fundo. Se tivessem mais coragem ainda, tentariam descobrir o que nadava naquelas águas turvas.

— A gente devia é ter ficado longe mesmo — soltou ele, vencido pelo cansaço.

Narizinho concordou, arrastando-se até se deitar. Com a luz bruxuleante da lamparina no corredor, dava para ver a expressão preocupada no rosto um do outro. Era incomum para eles; sempre haviam sido crianças corajosas, que exploravam tudo o que podiam e subiam nas árvores sem medo. Mas aquele “jacaré” esquisito que acharam ter visto no brejo abalara as certezas de ambos.

Quando Pedrinho voltou a sua cama e puxou as cobertas, sentiu o coração se acalmar por um breve momento, talvez porque Narizinho estivesse ali, bem a seu lado, e Dona Benta e Tia Nastácia, no outro cômodo. Talvez só por isso, pouco a pouco, como um lençol morno, o sono tenha chegado.

No limiar entre a vigília e o sonho, um som baixinho e rítmico alcançou seus ouvidos. Algo raspava contra a madeira do lado de fora. Lento, rascante, unhas cavoucando a terra. O corpo de Pedrinho se enrijeceu por um instante, mas, antes que ele pudesse reagir, o peso do cansaço venceu e o arrastou para a inconsciência.



No meio da noite, no entanto, um estrondo profundo rasgou o silêncio, fazendo Pedrinho se sobressaltar. O trovão ecoou pelas colinas, e um relâmpago distante invadiu as frestas da janela, iluminando o quarto. A tempestade ainda não caía sobre o Sítio, mas se aproximava rapidamente. Pedrinho esfregou os olhos e se sentou. Olhou para a cama ao lado, vazia. Sentiu o estômago se revirar com um pressentimento ruim.

— Narizinho? — chamou.

Nenhuma resposta. Ele se levantou e andou descalço até a porta do quarto, aberta. A lamparina estava apagada agora, transformando o corredor em um túnel de sombras. No ar, sentiu o cheiro de terra molhada trazida pelo vento.

Avançando cautelosamente, encontrou a porta da cozinha também entreaberta, de onde vinha uma claridade tremeluzente. Seu coração disparou. O que tinha dado em Narizinho para se aventurar pela casa na calada da noite? Que ideia de jerico... Mas, antes de começar a pintar os piores cenários na imaginação já amedrontada, preferiu respirar fundo e verificar.

Pisou o mais devagar e levemente possível no assoalho, mas ele rangeu assim mesmo. Espiou pela fresta da porta. A chama de uma vela sobre a mesa projetava sombras difusas nas paredes. Então, ele a viu. De costas, Narizinho estava parada ao lado da pia. Segurava algo nas mãos.

— Narizinho? — repetiu, um pouco mais alto.

Ela se virou, assustada. O objeto que apertava contra o peito escorregou de seus dedos trêmulos e caiu no chão com um baque abafado. Era Emília, a velha boneca de pano que, havia muito tempo, Narizinho carregava por todo canto. Meio encardida e costurada com fios de lã multicoloridos, Emília mantinha o sorriso bordado de sempre e dois botões pretos no lugar dos olhos, brilhando sob a luz trêmula da vela.

— Você me assustou, Pedrinho! — exclamou a menina, recuperando o fôlego. — Eu... eu não estava conseguindo dormir. Acordei com sede e vim pegar água.

Pedrinho olhou para a boneca no chão.

— E a Emília? Ela veio beber água também?

— Bobo. — Narizinho deu um sorriso tímido, mas logo ficou séria. — Eu fiquei com medo. Você lembra o que a Nastácia disse? Pra gente não contar pra ninguém sobre o que vimos?

Ele concordou. De fato, antes de irem para o quarto, Tia Nastácia se despedira deles com um alerta em forma de sussurro: *“Melhor vocês não abrirem a boca, ou podem correr perigo.”* Sem mais explicações.

— Eu contei pra Emília. Ela me protege — murmurou Narizinho, recolhendo a boneca com delicadeza, os olhos fixos nos dela, como se esperasse que lhe respondesse. — Você sabe que ela sempre me acompanha.

Pedrinho deu de ombros. Nunca admitira em voz alta o quanto a boneca lhe parecera estranha. Claro, era só um brinquedo antigo, mas as histórias que Narizinho contava, de como Tia Nastácia fizera nela um “feitiço de proteção” para a menina, soavam esquisitas.

— Volta pro quarto — disse ele. — Vamos tentar dormir.

Ela concordou, mas, antes de saírem do cômodo, um som fino e irregular arranhou a madeira da porta que dava para o quintal; algo raspando devagar, como se testasse o caminho para dentro. Os dois se entreolharam, o coração no gargalo. O barulho se repetiu e então, silenciou, como se nunca tivesse existido.

Pedrinho engoliu em seco. Narizinho deu um passo para trás, apertando Emília junto ao peito. O suor brotou na testa de ambos. Se fosse Rabicó, o porco gigante das lendas, ou a Cuca na forma de jacaré, como reagiriam?

Para o alívio das crianças, nada mais aconteceu.

— Deve... deve ter sido só o vento sacudindo um galho na porta — sugeriu Pedrinho para acalmá-la. E para acalmar a si próprio também.

Mas, ainda assim, seus pés se moveram sozinhos. Parou diante da porta, os dedos hesitando antes de tocar a madeira, e encostou o ouvido nela. Por dois ou três segundos, achou ter ouvido uma respiração pesada. Um segundo depois, desapareceu. Outra vez, apenas o silêncio.

Com as pernas bambas, Pedrinho voltou para perto de Narizinho. Ela estava branca feito farinha de trigo, mas tentou forçar um sorriso, que saiu mais parecido com uma careta.

— Foi só nossa imaginação, né? — perguntou ela, com a voz oscilante.

— Claro — respondeu Pedrinho. — Vem. Melhor a gente ir pra cama.

Apagaram a vela, mergulhando a cozinha de volta no breu, e voltaram quase correndo para o quarto. Deitaram-se sem trocar mais palavras. O vento lá fora assobiou de repente, ainda mais forte, e gotas de chuva começaram a bater no telhado. O fulgor de um trovão recortou as trevas outra vez e Pedrinho viu, pela fresta da janela, a silhueta disforme de uma árvore contorcendo-se ao vento, como se tentasse arrancar as próprias raízes para se libertar do solo.

Então, o mundo começou a se dissolver, as formas do quarto fundindo-se na escuridão, enquanto os sons ao redor pareciam se afastar e a noite, engolir tudo.

Narizinho abraçava Emília com força; os dedos apertavam o tecido já desgastado da boneca, como quem segura uma tábua de salvação em meio a um

mar revolto. Ela afundou o rosto contra o pano em busca de conforto, tentando afastar o que quer que rondasse sua mente.

Do outro lado do quarto, Pedrinho segurava o travesseiro junto ao peito, buscando manter os olhos fechados a todo custo. Não queria pensar em jacarés e porcos monstruosos, mas as sombras dentro de sua cabeça teimavam em formar imagens que ele se esforçava para ignorar.

Por fim, o sono — ou a exaustão — inevitavelmente venceu, levando os dois a um descanso inquieto.



Naquela mesma noite, em algum lugar do Sítio, bem próximo à parte mais escura do riacho, um vulto reptiliano espreitava a distância. O brejo parecia estático, até mesmo parado no tempo, mas quem olhasse com atenção veria um leve ondular na superfície da água.

Podia ser lenda...

Mas os olhos amarelados da criatura cortavam a escuridão como duas brasas, carregando uma fome antiga, paciente, e um sorriso torto, quase humano. Uma bruxa-jacaré que, segundo as histórias, voltaria para espalhar seu terror, mais cedo ou mais tarde.

E enquanto as trovoadas estremeciam o céu, o Sítio do Picapau Amarelo fechava mais um dia. Pedrinho e Narizinho não sabiam, mas aquele fora apenas o começo.

O começo de algo que nunca os deixaria.

De algo que jamais poderia ser apagado da memória.

PARTE 1

REINAÇÕES DE NARIZINHO



O toque do despertador do celular já não carregava mais a suavidade polifônica de outrora. Parecia, na verdade, uma sirene de alerta, áspera e insistente, que arrancava Pedro de um sono leve e turbulento como se lhe dessem tapas na cara.

O latejar costumeiro na têmpora, por sua vez, pulsava feito um prego sendo martelado. Ele abriu os olhos, mas não moveu o corpo, resistindo à transição para a realidade como alguém que se agarra à última nesga de um sonho ruim, onde tudo era incômodo, mas nada ainda era oficial.

Trim, trim... Trim.

O som perfurava seus tímpanos, vibrava sua espinha. Cada toque uma batida na parede fina que separava o torpor da obrigação, exigindo que ele cumprisse a mais trivial das funções humanas: levantar-se da cama. Só que nada na vida de Pedro era trivial ou simples havia muito tempo. Já não existia doçura, nem sequer um resquício de aconchego na forma como costumava ser recebido pelas manhãs.

Trim, trim... Trim.

Ele tentou ignorar. Os músculos protestaram, o rosto afundou ainda mais no travesseiro. O cheiro rançoso de suor e bebida o fez lembrar do que se passara na noite anterior.

Inútil. A sirene ainda berrava.

Trim, trim... TRIM!

Pedro se ergueu num rompante e arremessou o celular contra a parede com uma fúria cega. Queria que aquele maldito aparelho explodisse, que tudo explodisse de uma vez e só restasse silêncio. Assim, talvez, ele pudesse ficar em paz. Por um segundo — dois seria sorte demais —, o quarto mergulhou num silêncio denso feito melão. Mas durou menos do que um suspiro.

Trim, trim... Trim.

Então, a conclusão veio na forma de uma marreta pesada atravessando o caos e o orgulho: mesmo estilhaçado, o celular continuava funcionando. E, de um jeito bastante cruel, Pedro percebeu que ele e o aparelho tinham muito em comum — rachados, danificados, mas forçados a seguir em frente.

Suspirou, enquanto a bile e o gosto azedo de álcool queimavam sua garganta. Escorou-se na beira do colchão, ainda sem coragem de encarar a claridade que entrava pela fresta da cortina. Precisava trabalhar. Precisava... viver. Era o que todos diziam, afinal.

“Lúcia não iria querer que você desistisse, Pedro”, alguém lhe dissera pela milésima vez.

As vozes dos amigos e parentes ecoavam em sua cabeça, repetindo frases vazias que, de tanto serem desfiadas, giravam em torno dele como um disco aranhado. Esfregou o rosto com as palmas, tentando enxugar a dor acumulada nos cantos dos olhos. Desistindo, obrigou-se a levantar de uma vez. O assoalho rangeu sob seus pés. Era a vida puxando as cordinhas, exigindo dele mais um ato, mais uma performance. E Pedro, como sempre, não tinha escolha; então, conformado, preparou-se para a cena seguinte.

A cena em que ele sobreviveria a mais um dia.



Fazia algum tempo — Pedro perdera a conta de quantos meses, na verdade — que ele deixara de acreditar que Lúcia pudesse simplesmente surgir pela porta com a filha nos braços, pedindo desculpas por ter demorado tanto.

Nos primeiros dias após o sumiço, ele repassara a cena repetidas vezes. So-nhou acordado com o barulho da fechadura girando, a porta se abrindo e o ros-to dela emergindo em meio às lágrimas para, enfim, abraçá-lo.

“Tive que resolver umas coisas... mas estou de volta, meu amor”, ela diria. E ele apenas corresponderia o abraço, deixando as explicações para depois.

Só que, conforme o tempo avançava, Lúcia era um eco que o apartamen-to inteiro repetia. Cada dia sem ela tornava o espaço mais frio, mais vazio. Até o ar que o rodeava parecia rarefeito, cheio de uma escuridão invisível sempre que pensava nela. Aquilo corroía sua sanidade, dia após dia, tornando a simples ta-refa de existir um peso insuportável.

Pedro seguiu em direção ao banheiro. O homem no espelho — barba des-grenhada, olheiras fundas, olhos vazios — encarou-o com uma acusação muda, devolvendo-lhe a mesma pergunta que consumia suas entranhas:

Por que ela foi embora?

Sentia que já sabia a resposta, mas se recusava a dizê-la em voz alta.

A água fria lavou seu rosto, mas não atenuou o ardor que vinha de dentro. No início, todos os amigos se apressaram em culpar a “doença” de Lúcia, a cri-se que, supostamente, a deixara fora de si. *“Você não teve culpa, Pedro”*, repetiam. *“Ela estava doente”*, garantiam. Mas isso o irritava mais do que consolava.

Como podiam afirmar algo assim sem ter estado no lugar dele?

Foi ele quem vivenciou cada recaída, cada maldito surto. Foi ele quem es-tava lá quando tudo pareceu entrar nos eixos ao descobrirem a gravidez. A no-tícia do bebê deveria ter sido a cura para todas as fissuras que atravessavam a mente de Lúcia. Só que, em vez disso, foi o estopim. O transtorno só aprofundou

sua estranha obsessão em “voltar” àquele lugar, tornando as noites um verdadeiro tormento.

“Não restou nada lá para nós, meu amor. O Sítio está abandonado. Não faz sentido!”, ele repetia, desesperado, implorando para que ela reconsiderasse.

Mas nada adiantava. A cada negação, Lúcia mergulhava mais fundo no próprio abismo. E em vez de salvá-la, cada batida do coração daquela criança apenas acelerava sua queda, arrastando Pedro junto.

No banho, as lágrimas voltaram com força, disfarçadas sob o barulho do chuveiro. Saindo do boxe, tonto e com os olhos marejados, enxugou-se e voltou ao quarto, pronto para encarar a velha rotina: vestir-se, sair e vagar pelas ruas como motorista de Uber, torcendo para que nenhum passageiro puxasse papo.

Ao abrir o armário em busca de uma roupa minimamente limpa, o mundo suspendeu por um instante. Algo caiu da prateleira mais alta com um baque seco, abafado, quase inofensivo, mas que arrebatou o coração de Pedro de uma só vez. Ele não precisou nem olhar. Já sabia o que era.

Abaixou-se devagar. Emília, a velha boneca de Lúcia, jazia ali, com o mesmo par de botões escuros olhando-o, impassível; feito um animal empalhado que espera seu dono para lembrá-lo de que, um dia, já teve vida.

Pedro sentiu um aperto no peito. O cheiro suave que ainda impregnava o tecido o atingiu com a força de um soco. Além do perfume de Lúcia, que ele conhecia bem e do qual sempre gostara, a boneca era a prova de que, de alguma forma, ela ainda estava ali. Perto. Quase ao alcance...

Mas intocável.

Ele passou os dedos pelos fios coloridos e desgrenhados, como se pudesse restaurar algo que já se perdera. Alisou o vestido remendado, o tecido áspero entre seus dedos, e parou sobre a mancha escura. Então, os flashbacks vieram feito lâminas que cortavam o caminho pelo canavial que era sua mente: primeiro, o riacho; depois, Lúcia sentada com Emília no canto do quarto, sussurrando segredos que somente as duas podiam compartilhar. A forma como ela falava do passado, como se o Sítio fosse mais do que um lugar. Como se fosse um chamado. Uma promessa não cumprida.

Ele engoliu em seco outra vez, sentindo o gosto do choro na garganta.

— Narizinho foi embora — murmurou, a voz falhada, esperando que a boneca respondesse. — E ela estava grávida.

Permaneceu assim, agachado, fitando fixamente os dois botões pretos. Talvez fosse loucura, mas por um breve instante pensou vislumbrar uma acusação silenciosa nos olhos da boneca.

“Por que você não a impediu? Por que não voltou ao Sítio?”

A memória dos tempos em que corriam juntos, colhendo jabuticabas e brincando no milharal, insistia em voltar para atormentá-lo. A imagem de um menino e uma menina descobrindo o amor sem nem saber que era amor, sorrindo sob o sol do interior, contrastava de forma cruel com o homem nu e devastado que agora segurava uma boneca.

Pela primeira vez em dias, Pedro deixou que a voz saísse em meio a soluços contidos:

— Pra onde ela foi, Emília?

Não houve resposta. Só o quarto desarrumado, a dor latente e a certeza de que, se alguma explicação existia, não estava ali... mas em outro lugar. Longe, muito longe das ruas cinzentas por onde ele rodava todo dia, sem destino além daquele traçado pelos outros.

Com a boneca nos braços, sentiu algo ferver dentro do peito: uma mistura de desespero e um tênue lampejo de esperança. Pensou no Sítio. No que Lúcia tanto buscava. No que eles viram, viveram e nunca souberam explicar. No que, talvez, ainda os esperasse.

Será? Haveria realmente algo esperando por eles naquela terra onde um dia acreditaram que a fantasia morava?

Por ora, o despertador silenciado, o tempo avançando indiferente a seu sofrimento, e o mundo lá fora, repleto de uma rotina abafada pela poluição e pelas buzinas, não teriam piedade. Por isso, Pedro iria pegar as chaves. Iria dirigir. Iria sobreviver.

Pelo menos, até onde fosse possível.

A boneca voltara ao seu cárcere, dessa vez no armário do quarto de hóspedes, onde a reforma do quarto do bebê havia sido deixada pela metade.

Pedro fechou a porta dupla com um estalo seco, como se estivesse selando algo lá dentro; como se pudesse trancar o passado. Mas sabia que não podia.

O passado sempre encontrava um jeito de escapar.

